


Toxicidade e violência entre mulheres: Um estudo exploratório das vivências abusivas em casais lésbicos

 <https://doi.org/10.56238/sevened2023.002-002>

Bruna Ferraroli Amaral

Graduada em psicologia pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas.
E-mail: brunaferraroli.psicologia@gmail.com

Leila Frayman

Mestre em neurociências, Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas.
E-mail: leila.frayman@gmail.com

Mino Correia Rios

Doutor em psicologia, Docente do Curso de Psicologia e da Especialização em Psicologia Clínica da Universidade do Estado da Bahia -UNEB/Brasil; Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Estácio/Brasil. Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula, Salvador – BA
E-mail: mino.rios@gmail.com

RESUMO

Os relacionamentos abusivos vêm ganhando cada vez mais visibilidade em função do seu impacto nocivo para sujeitos e sociedade. Apesar disso, certos segmentos seguem invisibilizados em relação a essa temática, sendo esse o caso da população LGBTQIAPN+. O presente estudo procurou analisar o perfil de vivência de relações abusivas protagonizadas por casais lésbicos, assim como suas consequências. Foi realizado um survey junto a 46 mulheres lésbicas mediante formulário eletrônico. As respondentes tinham, em média 26,5 anos ($dp=5,2$), sendo majoritariamente sujeitos com nível superior ou mais (91,3%), e distribuídas em todo o país, mas com ênfase nas regiões sudeste (69,6%). Os resultados indicam três principais dimensões para a caracterização dos relacionamentos abusivos entre lésbicas: Submissão/isolamento, com itens que descrevem sentimentos e comportamentos de vulnerabilidade, submissão e subordinação por parte da respondente quando na interação com a(s) parceira(s); Descontrole e culpa, envolvendo itens associados a relacionamentos com uma dinâmica de agressão, descontrole e remorso; e Manipulação, com itens descrevendo a interação com uma parceira com comportamentos manipuladores, passivo-agressivos e envolvendo condutas como a distorção e vitimização. Apesar da dimensão de manipulação apresentar maior destaque em relação às demais, os dados indicam que cada uma das dimensões apresenta relações específicas e próprias com tipos de violência. Os dados também sugerem a presença de relações complexas em termos da toxicidade nos relacionamentos lésbicos. Enfatiza-se, por fim, a necessidade de estudos posteriores, dada a carência de pesquisas com esse público.

Palavras-chave: Relacionamentos abusivos, Lésbicas.



1 INTRODUÇÃO

O presente estudo apresenta como objetivo geral analisar o perfil de vivência de relações abusivas protagonizadas por casais lésbicos, assim como suas consequências. Cezario et al (2015) apontam que alguns autores têm utilizado cada vez mais o termo violência por parceiro íntimo (VPI). Este é por definição, todo e qualquer abuso emocional, físico e/ou sexual que ocorra dentro de um relacionamento amoroso. Ele ainda traz que o número de estudos sobre violência por parceiro íntimo é muito maior se tratando de relacionamentos heteroafetivos quando comparados ao número de estudos realizados tendo como foco os relacionamentos homoafetivos, tanto em relações femininas quanto em relações masculinas.

Outro termo bastante presente na literatura é a violência doméstica. Esta pode ser caracterizada de diversas formas incluindo violências física, sexual e psicológica. (Da Fonseca & Lucas, 2006). As definições para relacionamentos abusivos, violência por parceiro íntimo e violência doméstica são bastante similares, de modo que no presente trabalho escolhemos utilizar os termos abuso e relacionamentos/relações abusivos/as.

O Relacionamento abusivo trata-se de um fenômeno antigo, que ocorre há séculos. (Mika et al, 2021; Maia & Cascaes, 2017) Este fenômeno não raramente é associado à questão de gênero, de modo que a cultura do machismo, bem como, o formato de sociedade patriarcal que persistem ainda atualmente, são apontados como influenciadores na manutenção de tais relacionamentos. Neste sentido:

Em um pensamento machista existe um "sistema hierárquico" de gêneros, onde o masculino está sempre em posição superior ao que é feminino. (Maia & Cascaes, 2017)

A identidade de gênero nada mais é do que uma construção social, a qual é realizada a partir do aspecto biológico. Nesta construção sociocultural ocorrem os ensinamentos e a segregação do que são consideradas características femininas e características masculinas. Deste modo, desde a infância, as crianças são ensinadas a se comportar, se expressar, agir, brincar, pensar e até mesmo sentir de determinada forma, levando em consideração o seu sexo. (Da Fonseca & Lucas, 2006)

É ensinado aos meninos omitir suas “fraquezas”, sua sensibilidade, assim como toda e qualquer emoção associada ao feminino. É encorajado que eles expressem sua raiva, sua coragem e sua força que são características, muitas vezes, associadas ao poder. Seguindo essa lógica, cabe aos meninos interessar-se por brincadeiras estratégicas, dinâmicas e/ou de território.

Já às meninas é aceitável demonstrar suas “fraquezas” e “vulnerabilidades”, assim como seu afeto e docilidade que são tidos como características femininas. Deste modo é orientado que a expressão de emoções/sentimentos como raiva, força e coragem seja controlada e disfarçada, uma vez que se entende como sendo características próprias do gênero masculino. Espera-se que as meninas



participem de brincadeiras que desenvolvam seu lado maternal, como é o caso do brincar de casinha e de boneca.

Em função desta prática, tem sido reservado à mulher o espaço doméstico, sob a justificativa de sua capacidade natural de ser mãe. (Da Fonseca & Lucas, 2006)

A relação hierárquica estabelecida entre os sexos é um dos principais fatores que propiciam as situações de violência contra a mulher. Os traços associados ao feminino se contrastam aos associados ao masculino e, por este motivo, acabam sendo menos valorizados na sociedade. (Da Fonseca & Lucas, 2006)

No entanto, relacionamentos abusivos não são uma exclusividade de casais heterossexuais. Tais padrões de comportamento também podem ser observados em relacionamentos homoafetivos, apesar destes obterem menor visibilidade. Segundo Alencar, Ramos e Ramos (2018), o abuso apresenta inúmeros fatores determinantes e diversas relações de poder estabelecidas dentro dos relacionamentos amorosos. Ainda segundo Alencar, Ramos e Ramos (2018), um aspecto que contribuiu para o déficit observado em relação ao desenvolvimento de estudos sobre relacionamentos abusivos em casais lésbicos é o fato de na década de 70 a violência doméstica ter ganhado maior visibilidade a partir do movimento feminista, ao passo que, estudos sobre o tema voltados para relações homoafetivas passaram a ser difundidos apenas 20 anos mais tarde, na década de 90. Apesar da violência doméstica entre casais homoafetivos ocorrer com frequência, a mesma é subnotificada.

Alencar, Ramos e Ramos (2018), apontam que existe uma certa resistência por parte da sociedade em geral, mas também por parte do movimento homossexual, em falar sobre relacionamentos abusivos em casais homoafetivos, fato que contribui para a invisibilidade do tema. Segundo os autores, dois fatores que embasam tal conduta são o medo de reforçar estereótipos negativos em relação aos relacionamentos homoafetivos e a escolha por não questionar a ideia de que o abuso em relacionamentos amorosos tem como causa a desigualdade de gênero.

O relacionamento abusivo entre mulheres, pode gerar danos ainda mais severos que a violência masculina, tendo em vista que as vítimas desse tipo de violência, muitas vezes não possuem uma rede de apoio funcional, o que as impossibilita de adquirir ajuda externa. (Avena, 2010). Tendo em vista que o relacionamento abusivo se trata de um ciclo, é de extrema importância a existência de uma terceira pessoa capaz de auxiliar a mulher em situação de abuso a romper com esse ciclo, uma vez que a cada vivência das agressões a vítima fica ainda mais fragilizada, desacreditada de si e vulnerável. São raros os casos em que a vítima consegue se desvencilhar da figura que comete o abuso e da relação sem auxílio externo. (Albertim & Martins, 2018)

Como citado anteriormente, as relações abusivas ocorrem de forma cíclica não configurando-se em um episódio isolado. Esse ciclo é composto por três fases. A primeira fase trata-se da construção

de tensão, onde há o surgimento de conflitos e a figura abusiva irá assumir o controle utilizando-se de estratégias agressivas, instaurando a sensação de violência iminente dentro da relação. A segunda fase caracteriza-se pela perda de controle por parte da figura abusiva e concretização da violência que pode ser psicológica, física e/ou sexual. Por fim, tem início a terceira fase que é conhecida como “lua de mel”. Nesta fase a pessoa que cometeu o abuso vai fazer o que for preciso para não perder a parceira e retomar a proximidade, deste modo iniciam-se os gestos de afeto e cuidado, assim como as promessas de que a situação de abuso experienciada anteriormente nunca mais irá acontecer. (Alencar, Ramos & Ramos, 2018; D’Agostini et al, 2021; Albertim & Martins, 2018)

No entanto, Mika et al (2021) citam quatro fases do relacionamento abusivo, sendo a primeira a tensão relacional, a segunda, a violência aberta, a terceira o arrependimento e a quarta a lua de mel. Nesse sentido, os autores citados anteriormente entendem o arrependimento e a lua de mel como sendo uma única fase. Vale ressaltar que por se tratar de um ciclo, após a fase de lua de mel inicia-se novamente a tensão e os conflitos que compõem a primeira fase.

Entende-se por relacionamento abusivo tratamento inadequado e/ou maus-tratos, cuja intenção seja controlar, intimidar, humilhar, amedrontar, assustar, manipular, culpar e/ou ferir alguém. (Neal, 2018) Esse tipo de relacionamento é embasado no exercício de poder e domínio sobre o outro, podendo se manifestar de diversas formas. (D’Agostini et al, 2021) Segundo Maia e Cascaes (2017), o excesso de poder sobre a(o/e) parceira(o/e) é predominante em relações abusivas, associando-se ao desejo de controle e posse.

Nas relações abusivas, o poder está no cerne da questão, ela demonstra a desigualdade existente entre as forças do abusador e do sujeito que sofre o abuso. O poder é então uma via pela qual a força física ou simbólica será aplicada, no intuito de atingir determinado objetivo. (Barreto, 2018)

Em contrapartida ao que o senso comum tende a acreditar, o abuso ocorre independentemente de origem socioeconômica, gênero, etnia, religião e/ou faixa etária, tratando-se de uma problemática bastante complexa. (Da Fonseca & Lucas, 2006).

A violência afeta não somente o indivíduo, mas também a população de modo geral, o sistema de saúde e o país. (Cezario et al, 2015) A violência doméstica contra a mulher é considerada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como sendo uma questão de saúde pública, ao passo que existe uma elevação dos gastos no âmbito da saúde, uma vez que a vítima pode recorrer diversas vezes aos serviços de saúde, pois tem suas integridades física e emocional afetadas negativamente, assim como seu senso de segurança abalado. O abuso em relacionamentos amorosos, além de se tratar de um grande problema de saúde pública, também configura na violação dos direitos humanos. (Mika et al, 2021; Da Fonseca & Lucas, 2006).



O abuso está diretamente ligado à violência, de modo que podem ser considerados sinônimos. Relações abusivas são compostas por diferentes tipos de violência, sendo mais comum as violências sexual, física e psicológica. (Barreto, 2018)

A violência sexual configura-se por toda e qualquer prática sexual realizada sem o consentimento da (o/e) parceira (o/e) por meio de chantagens, uso da força, intimidações, manipulações e/ou qualquer atitude que ignore e/ou desrespeite a vontade pessoal da outra parte. (Da Fonseca & Lucas, 2006; Alencar, Ramos & Ramos, 2018)

A violência física tende a ser mais facilmente identificada quando em comparação com a violência psicológica, uma vez que nesta as lesões podem ser, até mesmo, diagnosticadas. É considerada violência física todo e qualquer ato que coloque em risco a integridade física do indivíduo, podendo apresentar-se na forma de tapas, empurrões, chutes, mordidas, socos, espancamentos, queimaduras, puxões de cabelo, entre outros. (Da Fonseca & Lucas, 2006; Alencar, Ramos & Ramos, 2018)

A violência psicológica, apesar de não deixar evidências físicas, como hematomas e cicatrizes, não se faz menos importante do que outras formas de violência, trazendo prejuízos bastante significativos na estrutura emocional da pessoa que passa por tal experiência. (Da Fonseca & Lucas, 2006; Alencar, Ramos & Ramos, 2018). É entendido por violência psicológica agressões verbais e/ou gestuais, assim como toda e qualquer atitude que tenha o intuito de aterrorizar, amedrontar, punir, manipular, maltratar, coagir, isolar, silenciar e/ou controlar a vítima. (Minayo, 2020)

Dentro desse contexto, a pessoa que comete o abuso objetiva a parceira, não apresentando empatia por seus sentimentos ou necessidades. Deste modo, a vítima passa a perder sua identidade, uma vez que a abusadora ignora suas vontades e particularidades. Para a pessoa que comete o abuso, isso trata-se de um jogo, onde tudo o que interessa é ganhar. A vitória está diretamente associada à poder e controle sobre a parceira e sobre a relação. Nesse sentido, a pessoa que está exercendo o abuso irá usar toda e qualquer tática possível para vencer, neste ponto podemos citar a manipulação. (Monteiro, 2012; Neal, 2018)

Os jogos mentais, a capacidade de distorcer as coisas, a falta de responsabilidade ou de transparência, a depreciação e as constantes táticas bate/assopra de um abusador deixam a maioria das mulheres confusa, magoada, irritada, envergonhada e cheia de remorso. (Neal, 2018, p.18).

As vítimas de relacionamentos abusivos não ingressam nesse tipo de relação de forma consciente e/ou planejada, muito pelo contrário. O início de um relacionamento abusivo costuma ser caracterizado por uma paixão avassaladora, onde tudo é mágico e os momentos com a parceira são incríveis. O abuso dentro dos relacionamentos amorosos se dá de forma gradativa. A abusadora tende a ser extremamente encantadora e sedutora no início da relação, mas com o passar do tempo as coisas

se transformam pouco a pouco. Muitas vezes, a vítima começa se sentir mal dentro da relação, mas não consegue identificar o motivo. O abuso tem seu início com a violência psicológica, podendo evoluir para a violência física e sexual. Assim, muitas vezes, a violência psicológica ocorre de forma extremamente sutil propiciando que a vítima demore a perceber que se encontra em situação de abuso (Neal, 2018; Monteiro, 2012). É nesse sentido que Neal (2018; p.21) pontua “(...) o fato de que muitas mulheres não reconhecem que estão sofrendo maus-tratos se não forem xingadas ou abusadas fisicamente.”

Quando a vítima toma consciência da situação de abuso em que se encontra o nível de violência já está elevado e ela acaba por internalizar o que a abusadora diz sobre ela. Deste modo, passa a considerar natural e até mesmo justa a forma pela qual é tratada pela parceira. (Monteiro, 2012, p.11)

Vale pontuar que a mídia contribui de forma negativa quando se trata de relacionamentos abusivos, uma vez que há uma romantização do mesmo pela nossa cultura. É possível observar o fomento a esse tipo de relação, tida como paixão avassaladora, em novelas, filmes, músicas, literatura, entre outros. Essa romantização acaba sendo extremamente perigosa, pois reforça a ideia de que praticamente todo comportamento é aceitável em nome do amor. (D’Agostini et al, 2021; Mika et al, 2021)

A realização do presente trabalho se faz de extrema importância, uma vez que relacionamentos abusivos se trata de uma problemática de saúde pública e consiste na violação dos direitos humanos trazendo diversos prejuízos para as mulheres que o vivenciam. (Da Fonseca& Lucas, 2006; Mika et al, 2021) Este, por vezes, deixa de ser identificado por mulheres lésbicas, seja pela normatização vinda da cultura, seja pela associação limitada à questão de gênero, a qual muitas vezes é interpretada erroneamente como uma forma de desconsiderar a existência de violência dentro de relacionamentos lésbicos. Avena (2010) aponta que muitas mulheres lésbicas, além de precisarem lidar com os danos inerentes à violência sofrida no relacionamento, quando procuram auxílio em delegacias da mulher acabam sendo expostas a uma segunda violência advinda da homofobia. Para além disso, por vezes, suas molestadoras entendem-se como feministas e acabam sendo beneficiadas pelo movimento com mesmo nome.

A pesquisa sobre relacionamentos abusivos apresenta desafios significativos, como por exemplo o mapeamento da percepção e vivência de pessoas em relação ao abuso, assim como a dificuldade na elaboração de uma agenda de pesquisas adequada, visando o lastreamento de políticas públicas de saúde e o delineamento de intervenções. Voltando o olhar para os casais lésbicos a realização de estudos acerca do tema se faz ainda mais urgente, uma vez que há um déficit significativo de pesquisas científicas sobre o tema. (Ferraroli et al, no prelo)



2 MÉTODO

Foi conduzido um estudo quantitativo, de corte transversal, com características exploratórias. O instrumento utilizado foi composto de uma escala de vivências abusivas no relacionamento, além de questões sobre vivência de agressões e caracterização sociodemográfica da amostra. As percepções das respondentes sobre as vivências em relacionamentos lésbicos, identificadas por elas como abusivas, foram avaliadas a partir de uma medida dividida em três dimensões: a) **Submissão/isolamento** (11 itens, com $\alpha=0,90$), com itens que descrevem sentimentos e comportamentos de vulnerabilidade, submissão e subordinação por parte da respondente quando na interação com a(s) parceira(s); b) **Descontrole e culpa** (6 itens, com $\alpha=0,83$), envolvendo itens associados a relacionamentos com uma dinâmica de agressão, descontrole e remorso; c) **Manipulação** (8 itens, com $\alpha=0,88$), com itens descrevendo a interação com uma parceira com comportamentos manipuladores, passivo-agressivos e envolvendo condutas como a distorção e vitimização. Os dados foram coletados através de um formulário eletrônico sem a identificação dos sujeitos, distribuído em redes sociais por meio de link. Os dados foram coletados sem quaisquer questões que permitissem a identificação dos respondentes de forma individual, em consonância com o que é apresentado na Resolução CONEP nº 510/2016. Todas as respondentes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de modo que tivessem ciência da proposta geral do estudo e seus direitos, caso decidissem participar do mesmo. Uma vez coletados os dados, os mesmos foram tabulados e analisados no SPSS.20.0.

3 RESULTADOS

A amostra contou com 46 mulheres lésbicas, com idades variando entre 20 e 40 anos ($x=26,5$; $dp=5,2$), sendo predominantemente sujeitos de escolaridade elevada (apenas 8,7% tinha nível médio ou menos, enquanto 54,3% tem, pelo menos, a graduação completa).

Em termos das regiões, houve um amplo predomínio da região sudeste, tanto em termos da região de origem (Tabela 01), quanto em termos da região onde vivem (Tabela 02), sendo a região nordeste a segunda mais representada.

Tabela 01 – Estado e região de origem

Região	<i>f</i>	%	Estado	<i>f</i>	%
Nordeste	9	19,6	BA	4	8,7
			PB	1	2,2
			PE	4	8,7
Sudeste	32	69,6	MG	4	8,7
			RJ	6	13,0
			SP	22	47,8
Centro-oeste	1	2,2	DF	1	2,2
Sul	4	8,7	PR	2	4,3
			RS	2	4,3
Total	46	100,0	Total	46	100,0

Fonte: Pesquisa de campo

Tabela 02 – Estado e região onde habitam

Região	<i>f</i>	%	Estado	<i>f</i>	%
Nordeste	7	15,2	BA	3	6,5
			PE	4	8,7
Norte	1	2,2	AM	1	2,2
Sudeste	32	69,6	MG	3	6,5
			RJ	3	6,5
			SP	26	56,5
Centro-oeste	2	4,3	DF	1	2,2
			GO	1	2,2
Sul	4	8,7	PR	2	4,3
			RS	2	4,3
Total	46	100,0	Total	46	100,0

Fonte: Pesquisa de campo

Vale destacar que as respondentes informaram não apenas o estado e região onde nasceram e onde residiam, mas também a cidade. Analisando a interação desses dados, foi possível observar uma taxa expressiva de migração. De fato: 47,83% de sua amostra não reside na cidade de origem, 19,57% não reside no estado de origem e 10,87% não reside na região de origem. A elevada taxa de migração faz com que se levante a importância de avaliar esse tipo de fluxo junto à população LGBTQIAPN+ para verificar se a questão reflete um padrão maior. Nesse caso, a hipótese é de que a migração pode estar associada à ruptura de laços e redes, bem como uma maior sensação de desapego e desamparo. Resta, no entanto, a necessidade de investigar melhor a questão da causalidade.

Conforme dito anteriormente, a medida utilizada avaliou as vivências abusivas pautadas em três dimensões gerais: a dimensão de **Submissão/isolamento** foi caracterizada pela perda de laços sociais e pela presença de sentimentos e comportamentos de vulnerabilidade, submissão e subordinação por parte da respondente quando na interação com a parceira; b) **Descontrole e culpa**, envolvendo itens associados a relacionamentos com uma dinâmica de agressão, descontrole e remorso; **Manipulação**, com itens descrevendo a interação com uma parceira com comportamentos manipuladores, passivo-agressivos e envolvendo condutas como a distorção e vitimização. Os resultados referentes a essas dimensões encontram-se sintetizados na tabela 03, a seguir.

Tabela 03 – Vivências abusivas em relacionamentos lésbicos

	Média	Desvio Padrão	E.P.M.	95% IC	
				Limite Inf.	Limite Sup.
Submissão/Isolamento	2,228	0,63	0,092	2,042	2,414
Agressão-Descontrole-Culpa	2,271	0,57	0,084	2,102	2,440
Manipulação	2,548	0,77	0,114	2,319	2,777

Fonte: Pesquisa de campo

Para a comparação dos indicadores, procedeu-se com uma ANOVA de medidas repetidas, com a correção de Bonferroni. Após a aplicação da técnica, pôde-se observar que, apesar das dimensões de submissão/isolamento e agressão-descontrole-culpa não apresentarem diferença significativa entre si, a de manipulação apresentou diferença tanto em relação à submissão/isolamento ($p < 0,001$), quanto em relação à agressão-descontrole-culpa ($p < 0,01$). Esses resultados indicam que, de modo geral, as vivências abusivas em casais lésbicos tendem a ser mais marcadas por modelos de manipulação que por outras formas de agressão. Esse resultado pode estar associado aos modelos de papel de gênero socialmente impostos às mulheres, com certas formas de agressão muitas vezes naturalizadas e outras com maior facilidade de identificação e por vezes repudiadas.

Tabela 04 – Correlações entre dimensões de relacionamento abusivo e vivências

	Submissão/Isolamento	Agressão-Descontrole-Culpa	Manipulação
Submissão/Isolamento			
Agressão-Descontrole-Culpa	0,555**		
Manipulação	0,702**	0,602**	
Esteve em um relacionamento abusivo	0,493**	0,616**	0,655**
Sofreu agressão psicológica	0,608**	0,504**	0,729**
Sofreu agressão sexual	0,349*	0,243	0,118
Sofreu agressão física	0,230	0,409**	0,261
Conhece mulheres que já estiveram em relacionamentos LÉSBICOS abusivos	0,392**	0,207	0,429**
Idade	0,093	0,132	0,103
Escolaridade	0,077	-0,052	0,019

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$

Em termos da vivência dos relacionamentos abusivos no geral e suas consequências, é importante destacar o grande número de mulheres que reporta algum tipo de violência, sendo que 20% relata ter sofrido agressão sexual por parte da parceira, 31% relata agressão física, e 77,1% relata ter sofrido violência psicológica. Analisou-se a correlação dessas vivências com as dimensões de relacionamento abusivo, conforme visto na tabela 04. Um conjunto de dados que merece destaque refere-se à vivência de relacionamentos abusivos. Nesse sentido, foram identificadas correlações significativas em relação às três dimensões: manipulação ($r = 0,655$, com $p < 0,001$); agressão/descontrole/culpa ($r = 0,616$, com $p < 0,001$); e submissão/isolamento ($r = 0,493$, com $p < 0,001$). Esses resultados possibilitam pensar que as vivências de relacionamentos abusivos são complexas por natureza, com diferentes facetas associadas às mesmas. A medida em que essas relações abusivas

ganham contornos mais próprios e específicos, podemos pensar em antecedentes específicos e modelos com características próprias.

Como visto anteriormente, em relacionamentos abusivos o que está em foco é o poder sobre o outro. Almeida e Lourenço (2011) defendem que em relacionamentos amorosos as partes envolvidas sentem a necessidade de controlar uma à outra, podendo apresentar como justificativa o ciúme para exercer tal controle. Ainda segundo os autores, uma vez que o sujeito entende que perdeu o controle sobre seu par, a interpretação do mesmo pode ser de que a relação acabou. A partir disso podem existir atitudes com o intuito de controlar a liberdade da parceira, que serão atribuídas ao ciúme que socialmente costuma ser aceito e até mesmo interpretado como manifestação de afeto e cuidado.

Tratando-se da vivência de agressão física, não são observadas correlações significativas referentes às dimensões de manipulação e submissão/ isolamento, ainda que tenhamos correlação significativa com respeito à dimensão de descontrole/culpa. Esse resultado pode estar associado a uma dinâmica relacional marcada por comportamentos violentos de ambos os lados, desencadeando em agressões mais extremas, como é o caso da agressão física. Neste contexto estariam inclusas também as agressões verbais “escancaradas”, assim como comportamentos explosivos, de modo geral.

A vivência de agressão psicológica apresenta forte correlação positiva em relação às três dimensões (Cohen, 1988, 1992). Nesse caso, manipulação aparece em primeiro lugar ($r=0,729$, com $p<0,01$), seguida pela submissão/isolamento ($r=0,608$, com $p<0,01$) e por fim descontrole e culpa ($r=0,504$, com $p<0,01$). Vale ressaltar que a violência psicológica se faz presente em todo relacionamento abusivo, uma vez que é a forma de agressão primária, antecedendo todas as outras que podem ou não vir a ocorrer.

Dado que toda violência acaba potencialmente implicando em algum tipo de violência psicológica, e da ampla visibilidade da violência física, a associação entre essas duas categorias tende a ser mais expressiva (Da Silva, 2012). Contudo, a violência psicológica enquanto categoria independente ainda é negligenciada, dado que possui características específicas (OMS, 2002). O abuso dentro de uma relação tende a se dar de forma gradual. Inicialmente, a violência psicológica apresenta-se de forma mais sutil, eventualmente replicando elementos da própria estrutura cultural, privando gradativamente a liberdade da parceira, podendo levar à humilhação, constrangimento e, por fim, à agressão física e/ou sexual.

É nesse contexto que podemos identificar aspectos de um componente estrutural da violência, sendo internalizado pela cultura e demandando estratégias de enfrentamento em diferentes níveis. Esse elemento é tão amplamente presente e naturalizado que pode ser identificado na produção de cultura de massa, em músicas e filmes, por exemplo. Pode-se observar, nesse tipo de produção uma romantização das “paixões avassaladoras”, cheias de conflitos e instabilidades. Ocorre que essas, frequentemente são justamente o que entendemos por relacionamentos tóxicos/abusivos.

A vivência de agressão sexual, por sua vez, apresenta correlação significativa apenas com a dimensão de submissão/isolamento ($r=0,349$, com $p<0,05$). Uma possível causa para esse padrão pode ser a de que comportamentos mais “passivos” e a perda de redes de apoio tendem a facilitar a ocorrência desse tipo de agressão. A ausência de instâncias de suporte e estratégias de defesa pode levar a figura abusadora a entender que não irá haver consequências significativas após o ato, como por exemplo uma denúncia ou um comportamento retaliatório.

Neal (2018) afirma que o que vai definir se uma mulher em situação de abuso identifica a possibilidade de se desvencilhar da mesma é a existência de uma rede de apoio. Assim, pode-se dizer que a partir do momento que a abusadora induz o isolamento da parceira, diminui as chances do rompimento do ciclo abusivo, uma vez que, frequentemente, é necessária uma terceira pessoa para auxiliar essa ruptura.

Por fim, foram realizadas análises de regressão para averiguar a capacidade preditora de idade, escolaridade e das dimensões de relacionamento abusivo em relação a quatro variáveis de desfecho: vivência de relacionamento abusivo; vivência de agressão psicológica; vivência de agressão sexual; e vivência de agressão física. Os resultados indicam as variáveis de relacionamento abusivo como sendo possuidoras de poder explicativo a todas as variáveis desfecho estudadas, mas com especial força em relação à Vivência de Relacionamento Abusivo ($p < .001$) e Agressão Psicológica ($p < .001$). Apesar disso, também puderam ser identificados poder explicativo em relação à Agressão Física ($p < .001$) e Agressão Sexual ($p < .001$), mesmo que de forma mais modesta. Ainda assim, são resultados que merecem um debate inicial para que possa ser aprofundado em estudos posteriores, sugerindo a possibilidade de pensar modelos para explicar os processos de relacionamento tóxico, conforme será discutido a seguir. Idade e escolaridade não aportaram valor explicativo a nenhum dos modelos testados.

Tabela 05 – Modelos preditivos de Vivência de relacionamento abusivo a partir das dimensões de relacionamento abusivo

	Vivência de relacionamento abusivo			
	R ²	B	SE b	β
Constante		0,261	0,299	
Manipulação	0,506	0,378	0,114	0,446**
Agressão-Descontrole-Culpa		0,399	0,154	0,347**

Notas: b = coeficiente de regressão não-padronizado; SE b = Erro padrão; β = coeficiente de regressão padronizado. ** $p<0,01$; * $p<0,05$

Fonte: Pesquisa de campo

Em termos da Vivência de Relacionamentos Abusivos (Tabela 05), os resultados apontam um elevado poder explicativo do modelo, com 50,6% da variância sendo explicada pelas variáveis identificadas. Em relação a essas, apesar das três dimensões indicarem correlações, apenas duas delas se mantiveram na explicação da Vivência de Relacionamento Abusivo. Nesse sentido, e considerando a forte correlação entre Manipulação e Submissão/Isolamento, é possível que exista um mecanismo

associando essas duas dimensões em certos contextos, possibilitando a sua sobreposição. Esse padrão, no entanto, precisa ser melhor investigado em estudos futuros. O que os resultados indicam é a existência de padrões de violência física ($\beta=0,347$) e, especialmente, manipulação ($\beta=0,446$), quando falamos da vivência de relacionamentos abusivos entre lésbicas.

Esse primeiro modelo tratou da vivência dos relacionamentos abusivos de maneira geral. O estudo, no entanto, tratou de diferentes tipos de violência e agressão sofridas nesses relacionamentos. Desse modo, os modelos a seguir enfatizaram como cada uma das formas de agressão pode ser explicada com base nas variáveis presentes no estudo, o que é discutido nos resultados abaixo.

Tabela 06 – Modelos preditivos de Vivência de agressão psicológica a partir das dimensões de relacionamento abusivo

	Vivência de agressão psicológica			
	R ²	B	SE b	β
Constante	0,532	-0,061	0,522	
Manipulação		1,388	0,196	0,729**

Notas: b = coeficiente de regressão não-padronizado; SE b = Erro padrão; β = coeficiente de regressão padronizado. ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Fonte: Pesquisa de campo

Sendo a forma de agressão mais prevalente entre as mencionadas, iniciaremos com a agressão psicológica. Nesse caso, a variável manipulação foi a única que agregou valor explicativo, ainda que com relação expressiva. É importante destacar, nesse sentido, que 53,2% da variância é explicada apenas com essa variável. Aqui é possível pensar sobre o modelo de agressão estabelecida no caso de um relacionamento tóxico entre mulheres. Os relacionamentos disfuncionais de natureza heterossexual podem ter uma probabilidade incrementada de bases na agressão física, dadas as questões de alguns modelos de masculinidade. No caso de relacionamentos disfuncionais entre mulheres, esse componente tende a ser menos expressivo, com outros modais de agressão ocupando seu espaço. Nesse sentido, a manipulação acaba tendo um papel central, inclusive na percepção da agressão psicológica. É possível, inclusive, pensar na possibilidade de relações indiretas entre a manipulação, a agressão psicológica e a vivência de relacionamentos abusivos. Isso, no entanto, demanda novos estudos com o devido plano amostral.

Tabela 07 – Modelos preditivos de Vivência de agressão física a partir das dimensões de relacionamento abusivo

	Vivência de agressão física			
	R ²	B	SE b	β
Constante	0,167	0,051	0,502	
Agressão-Descontrole-Culpa		0,638	0,215	0,409**

Notas: b = coeficiente de regressão não-padronizado; SE b = Erro padrão; β = coeficiente de regressão padronizado. ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Fonte: Pesquisa de campo

A tabela 07 traz os dados do modelo sobre a vivência de agressão física. Conforme dito anteriormente, os dados aqui dispostos não apenas representam uma das dimensões de agressão menos

prevalentes entre as respondentes. Apresentam também uma variância explicada menos expressiva (16,7%), ainda que com um modelo estatisticamente significativo. Apesar do poder explicativo mais reduzido, os dados obtidos oferecem valor no entendimento do fenômeno, que apontou como uma de suas bases um mecanismo baseado na perda de controle de impulsos e sentimento de remorso. Desse modo, enquanto a violência psicológica tiver uma relação de assimetria de poder mais clara nas relações entre lésbicas, é possível que a agressão física tenda a se dar numa dimensão de agressões recíprocas, com ciclos de violência e culpa intercalados. Vale, no entanto, destacar, que existe uma variância robusta a ser explicada, o que indica a necessidade de estudos adicionais, inclusive com métodos qualitativos e/ ou participantes específicas.

Tabela 08 – Modelos preditivos de Vivência de agressão sexual a partir das dimensões de relacionamento abusivo

	Vivência de agressão sexual			
	R ²	B	SE b	β
Constante	0,122	0,364	0,394	
Submissão/Isolamento		0,422	0,171	0,349*

Notas: b = coeficiente de regressão não-padroneado; SE b = Erro padrão; β = coeficiente de regressão padroneado. ** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Fonte: Pesquisa de campo

O último conjunto de dados aqui apresentado, tabela 08, apresenta o modelo relativo à agressão sexual. Esse fator, como dito anteriormente, foi o que apresentou menor prevalência (20%), apesar do índice chamar atenção em função do senso comum esperar a inexistência desse tipo de caso. Paralelamente a isso, esse também foi o tipo de agressão com menor variância explicada pelas regressões (12,2%). Nesse caso, apesar da associação mencionada entre manipulação e submissão/isolamento, esse último fator agregou valor explicativo, ao passo que o primeiro não. No caso da agressão sexual e sua relação com a submissão/isolamento, é possível que tenhamos uma relação mais específica, onde a perda de relações sociais e redes de apoio vulnerabilizem a vítima ao comportamento de uma parceira predatória.

A despeito de alguns modelos se mostrarem mais poderosos que outros na explicação das variáveis desfecho, os resultados aqui apresentados oferecem bases para compreender um fenômeno ainda pouco investigado. Essas relações ainda precisam ser melhor investigadas, com a avaliação de fatores adicionais, seja de forma direta, seja com relações de mediação e/ou moderação entre as variáveis. Questões como o perfil da parceira e o histórico de vida da mulher podem auxiliar a entender a forma como os dados se apresentam. Por fim, é importante retomar a questão da idade e da escolaridade. Como dito anteriormente, nenhum deles aportou valor explicativo nos modelos avaliados. Esse é um dado, contudo, que merece atenção, tendo em vista que maturação e escolaridade tenderiam a atuar como fatores de proteção, ao menos em tese. Os dados não apresentaram isso, indicando que atuam com a mesma força em mulheres mais jovens e mais velhas, mais escolarizadas e menos escolarizadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos relacionamentos abusivos terem se tornado objeto de interesse mais frequente em diferentes pesquisas, investigações com a população LGBTQIAPN+ ainda são raras. O presente trabalho analisou o perfil de vivência de relações abusivas protagonizadas por casais lésbicos, assim como suas consequências. Para isso, foi conduzido um *survey* junto a 46 mulheres. O instrumento avaliou as relações abusivas a partir de três dimensões: Submissão/isolamento; Descontrole e culpa e Manipulação. Além disso, foram avaliadas experiências com tipos de agressão sofrida e perfil das respondentes.

Os resultados apontam que os relacionamentos abusivos protagonizados por casais homoafetivos femininos tendem a apresentar a manipulação como forma de agressão mais marcante que as demais. Também foi verificada a prevalência da agressão psicológica em relação a outras formas de agressão, o que pode estar associado ao tipo de papel social imputado às mulheres e ao seu processo de socialização. Os resultados ainda apontam o papel central da manipulação enquanto variável a ser entendida em seu papel na dinâmica de relacionamentos lésbicos disfuncionais.

O fato da ocorrência de relacionamentos abusivos em casais lésbicos ser extremamente alta, torna ainda mais alarmante a escassez de debates sobre o tema, tanto na esfera pública quanto em estudos. Essa questão torna-se ainda mais relevante quando os resultados apontam para duas questões. Em primeiro lugar, a existência de padrões específicos de disfuncionalidade nessas relações, demandando um melhor entendimento de sua dinâmica para dar suporte aos mesmos. Em segundo lugar, a existência de uma quantidade expressiva de relações disfuncionais, contrariando o que o senso comum pode sugerir, fortalece a importância de termos o desenvolvimento de uma rede de apoio para a população LGBTQIAPN+ em seus relacionamentos. Os relacionamentos abusivos heteroafetivos acabam ganhando maior atenção, uma vez que se enquadram na heteronormatividade dominante. As marcas geradas por relações abusivas não são exclusividade dos relacionamentos heteroafetivos. Em casais homoafetivos (e aqui especificado nos casais lésbicos) essas marcas, muitas vezes, acabam sendo negligenciadas.

Muito embora o presente artigo tenha apresentado contribuições, o mesmo apresenta limitações que devem ser consideradas. A primeira limitação refere-se ao fato do trabalho apresentar caráter exploratório, o que consiste em uma limitação natural do estudo, sendo este um primeiro passo para pesquisas mais aprofundadas. Outra limitação diz respeito ao método quantitativo que foi empregado neste trabalho. Por se tratar de um questionário composto por perguntas objetivas, as respondentes contaram com opções limitadas de respostas, impedindo um maior aprofundamento em determinados aspectos importantes. Neste sentido, aponta-se a necessidade da realização de estudos qualitativos que possibilitem os devidos aprofundamentos, principalmente no que diz respeito aos modelos preditivos. Cabe ressaltar que os resultados apresentados neste estudo dizem respeito à percepção das



respondentes sobre a vivência de relacionamentos abusivos lésbicos e não aos números referentes às vivências, de fato, identificadas e analisadas pelos pesquisadores. Um número significativo de participantes não identifica ter vivido um ou mais relacionamentos abusivos, ou identifica de forma parcial. No entanto escolheu-se trabalhar com os dados referentes às percepções das participantes. Este fato consiste em mais uma das limitações deste trabalho, uma vez que, neste primeiro momento, não estamos considerando os números reais de vivências abusivas das mesmas. Outra limitação diz respeito ao plano amostral, que contou com um número singelo de respondentes, apresentando amplo predomínio da região sudeste, faixa etária limitada dos 20 aos 40 anos e predominância de alta escolaridade. Tais características da amostra estudada, impossibilitam a generalização dos resultados obtidos, uma vez que não existe a diversificação, nem um número de amostra razoável. Desta forma, sinaliza-se a necessidade de estudos futuros que atendam às fragilidades apontadas e permitam um maior aprofundamento sobre a temática.



REFERÊNCIAS

- Albertim, R. & Martins, M. (2018) Ciclo do relacionamento abusivo: desmistificando relação tóxicas. In: INTERCOM (CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO) – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 41., 2018, Joinville. *Anais do 41º Intercom*. Joinville: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. p. 1-13. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0301-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.
- Alencar, R. dos S.; Ramos, E.M.L.S.; Ramos, M.F.H. (2018) Violência Doméstica nas Relações Lésbicas: registros da invisibilidade. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 174-186, 23 dez. <http://dx.doi.org/10.31060/rbsp.2018.v12.n1.809>.
- Avena, D. (2010) A Violência Doméstica Nas Relações Lésbicas: realidades e mitos. *Aurora*, [S.L.], v. 5, n. 7, p. 1-13, out. Disponível em: https://www.pucsp.br/revistaaurora/ed7_v_janeiro_2010/artigos/download/ed7/5_artigo.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.
- Barretto, R.S. (2018) Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final. *Revista Gênero*, [S.L.], v. 18, n. 2, p. 142-154, 7 nov. Pro Reitoria de Pesquisa, PósGraduação e Inovação - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/rg.v18i2.1148>.
- Cezario, A.C.F. et al. (2015) Violência entre parceiros íntimos: uma comparação dos índices em relacionamentos hetero e homossexuais. *Temas em Psicologia*, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 565-575. Associação Brasileira de Psicologia. <http://dx.doi.org/10.9788/tp2015.3-04>.
- D'Agostini, M. et al. (2021) Representações sociais sobre relacionamento abusivo / Social representations about abusive relationships. *Brazilian Journal of Development*, [S.L.], v. 7, n. 2, p. 20701-20721. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv7n2-627>.
- Maia, L.R. & Cascaes, N. (2017) *A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos*. 26 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2017. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/10409/2/Laura%20tcc%20%20versao%20final%20pdf.pdf>. Acesso em: 10 out. 2022.
- Mika, F. et al. (2021) A manipulação psicológica nos relacionamentos abusivos: uma leitura do filme a garota no trem. In: Congresso Internacional de Produção Científica da Unicesumar, 2021, [S.L.]. *Anais Eletrônico XII EPCC*. [S.L.]: Unicesumar. p. 1-12. Disponível em: <https://www.unicesumar.edu.br/anais-epcc-2021/wp-content/uploads/sites/236/2021/11/267.pdf>. Acesso em: 14 set. 2022.
- Minayo, M.C. de S. (2020) Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. In: NJAINE, Kathie et al (org.). *Impactos da Violência na Saúde*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ensp, Fiocruz. Cap. 1. p. 21-42. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/7yzrw/pdf/njaine-9788575415887.pdf>. Acesso em: 27 set. 2022.
- Monteiro, F.S. (2012) *O papel do psicólogo no atendimento às vítimas e autores de violência doméstica*. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília – Uniceub, Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2593/3/20820746.pdf>. Acesso em: 27 set. 2022.



Da Fonseca, P.M. & Lucas, T.N.S. (2006) Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas, 20 f. TCC (Graduação) – Curso de Psicologia, Fundação Bahiana para o Desenvolvimento das ciências, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública – Salvador, 2006. Disponível em: Microsoft Word - 152.doc (bvs-psi.org.br) Acesso em: 28 set. 2022.

Da Silva, L.L, Coelho, E.B.S., De Caponi, S.N.C. (2005) Violência Silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica Disponível em: SciELO - Brasil - Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica Acesso em: 28 set. 2022.

Ferraroli, B.A. et al. (no prelo)

Avena DT. A Violência Doméstica Nas Relações Lésbicas: Realidades E Mitos. Aurora, [S.L.], n. 7, p. 174-186, 17 out. 2010.

Neal, A. (2018) *Relações destrutivas. Se ele é tão bom assim, por que eu me sinto tão mal?* Tradução de Sandra Martha Dolinsky. São Paulo. Editora Gente, 2018.